

RESENHA



CARVALHO, RUY DUARTE DE. *VOU LÁ VISITAR PASTORES*. EXPLORAÇÃO EPISTOLAR DE UM PERCURSO ANGOLANO EM TERRITÓRIO KUVALE (1992-1997). RIO DE JANEIRO: GRYPHUS, 2000.

*Luena Nascimento Nunes PEREIRA \**

Ruy Duarte de Carvalho é considerado um dos mais importantes escritores angolanos. Além de poeta e cineasta se fez também antropólogo, com um estudo fundamental sobre os Axiluanda, os pescadores da Ilha de Luanda, no qual, entre outros aspectos, punha em relevo a questão das "identidades parcelares", tentando equacionar a complexa herança identitária dos grupos – os pescadores em questão, mas remetendo à diversidade das populações existentes em Angola – com a emergente identidade nacional.

Desta vez, ele se detém no estudo sobre a população pastoril Kuvale, grupo étnico Herero, na província do Namibe, sul do país. Um grupo diminuto, divergente dos sistemas econômicos prevalecentes, pois sua forma de colocação no espaço, marcada pela mobilidade decorrente da criação de gado, questiona o modelo esperado para a consolidação do espaço nacional, organizado através da sedentarização. Esta forma de existência do grupo arrisca por em questão a sua própria reprodução, na medida em que esta mobilidade se encontra (ou se encontrará) constantemente ameaçada pela expansão do sistema dominante, a expansão da interferência do Estado nacional e de outros processos de ordem global.

A partir de uma extensa experiência de campo, de 1992 a 1997, Ruy nos presenteia com um saboroso e rico texto no qual nos revela muito da singularidade Kuvale e da recorrência do modo de vida pastoril.

A originalidade e beleza do texto – concebido como a transcrição de um conjunto de fitas cassete gravadas a um amigo ao longo de uma viagem ao território Kuvale – remete às antigas cartas impressionistas de viajantes e exploradores

---

(\*) Doutoranda em Antropologia Social, USP/Bolsista FAPESP.

de lugares exóticos e remotos. Mas à falsa semelhança se contrapõe uma riquíssima etnografia, na qual as “colocações” Kuvale no presente – econômica, social, cotidiana, são alinhavadas e integradas numa narrativa na qual se insere todo o tempo o espaço geográfico Kuvale. Aqui diz muito a perspectiva do cineasta na descrição fluente de belas imagens, lugares, paisagens. Intervém aí também, o poeta.

O autor consegue nos dar a compreender a lógica de manutenção, reprodução e, sobretudo, da circulação dos bois, em torno dos quais se organiza a vida Kuvale. Desvendando esta lógica, se elucida toda a articulação entre os sistemas econômico, cultural, político, social e religioso do grupo, incluindo sua relação com os outros grupos, com o Estado nacional e com sua própria história. A noção de flexibilidade – decorrente da mobilidade inerente ao modo Kuvale de ser e estar – é introduzida para dar inteligibilidade à integração das mudanças dentro deste sistema.

A relação da economia com todos os outros níveis da vida social, são costuradas pelo parentesco, que se expressa pela organização familiar, divisão do trabalho, a regulação dos casamentos, as alianças, originando categorias sociais que situam os indivíduos dentro do grupo – e da produção. A complexidade que envolve as relações sociais e de parentesco emerge em situações-chaves: óbitos, casamentos, conflitos e as festas, nas quais há a distribuição e o consumo ritualizado de carne, momento especial de afirmação e redefinição de papéis e lugares sociais, descritas num relato vívido e denso.

Embora muito presente ao longo do texto, a antropologia parece por vezes envergonhada pois, ao se reportar às questões e categorias mais teóricas, o autor quase chega a pedir desculpas ao interlocutor. Porém, nos importantes momentos em que a antropologia emerge, emerge com desenvoltura e enorme pertinência: ele teoriza, compara e faz considerações pertinentes, embora, quanto à literatura utilizada, sinta falta de mais referências ao fim do texto.

A busca da totalidade e a integração dos diversos sistemas sociais numa lógica que lhe dá sentido é um objetivo bastante caro à antropologia clássica, e o autor o persegue sem ceder muito à angústia de sua impotência – comum a todo antropólogo – quanto a possibilidade de alcançar este todo e seu conseqüente significado.

Assim, Ruy também não abre mão de sua “auto-colocação” – já numa perspectiva não tão tradicional da disciplina – pontuando suas motivações pessoais, os limites do seu trabalho (a principal delas, sua insuficiente inserção, pela sua condição de homem, entre as mulheres Kuvale), seus silêncios, seus segredos.

Outro aspecto interessante é o seguimento do autor no ofício originalmente destinado do antropólogo, o estudo de sociedades consideradas primitivas, “insulares”, que costumava ser feito por uma antropologia funcionalista e

estática. Ruy, porém, a realiza sob uma perspectiva dinâmica, na qual não se pretende apreender uma mera sincronia, mas sim um presente, uma situação, que reporta constantemente a um passado, à história local, nacional e ao futuro, através da preocupação – teórica e pragmática – com os diversos aspectos que jogam na transformação do sistema social dos Kuvale hoje.

Todavia, a apreensão quanto ao futuro Kuvale remete à constatação de uma ameaça inescapável, que seria comum a todas as sociedades pastoris e nômades, o seu enfrentamento e coexistência com uma ordem estatal, mundial e globalizada. Aqui, ironicamente, encontramos ecos de um receio recorrente de uma certa antropologia, a do fim inexorável das tribos e de suas formas de vida, embora aqui jamais iludida por uma crença em culturais estáticas, mas atualizada pela percepção de um processo de inviabilização destas culturas, implementada pela modernidade globalizante, na qual o Estado nacional é um dentre vários atores.

Neste aspecto, não pôde deixar de intervir o Ruy cidadão, parte indissociável do antropólogo, na crítica constante aos projetos, governamentais ou não, que buscam implementar, sobre grupos diferenciados, formas de “modernização” e de “progresso”, alheias à contradição entre dois sistemas excludentes. A falta de compreensão e mesmo a intolerância quanto formas sociais diferenciadas induz ao preconceito e à interferência irresponsável, sob argumentos que reproduzem noções de atraso, primitivismo e irracionalidade, sem considerar a lógica que perpassa a organização social destes grupos, sua vitalidade, funcionalidade e sua autodeterminação como atores políticos legítimos.

Contrapondo a razão de Estado (e imperativos de mesmo tipo) a razões de outras ordens, é possível por em relevo o desafio de construção de uma nação através, e por meio, de tanta diversidade. É este desafio que Ruy nos proporciona acompanhar bem de perto.

Falar da Angola atual através dos Kuvale, significa dar uma visibilidade aparentemente inusitada a um grupo quase que totalmente marginalizado no sistema geográfico, social e político angolano, país que, por sua vez, construiu sua história e identidade ancorando-se majoritariamente nas regiões norte e centro do território, em torno das populações Bakongo, Ambundo e Ovimbundo, que somam 75% da população.

Deslocar o centro da discussão sobre a Angola de hoje, para além da perspectiva da crise e da guerra e do descalabro, embora sem jamais perder de vista esse mesmo contexto, pode ser feito – e o autor o faz – a partir de um universo periférico e fronteiro. Por meio da “excentricidade” da angolanidade Kuvale pode ser possível reconsiderar a forma de construção de uma nação que, como todas as outras, historicamente elege seus centros e, por conseguinte, suas periferias, tanto econômicas como políticas e identitárias.